

NÃO VAIS ENTRAR?

projeto de MARIANA FONSECA



SINOPSE

"Não Vais Entrar?" deveria supor uma porta assim como prostituição deveria supor sexo. Num ambiente próprio de um peepshow, por uma frincha somos convidados a escutar discursos paralelos à prostituição e a refletir sobre corpos-máquina; abrigos-mãe; condições, direitos e valores femininos.

"Não Vais Entrar?" é um projeto teatral que dará origem a três diferentes performances que recorrerão a distintas linguagens artísticas, tendo como ponto de partida as fotografias de Valter Vinagre e o monólogo "A Culpa Não Foi Minha" de Jaime Rocha.

Não Vais Entrar? é o nome de família de três performances irmãs: "IT gender", "Encontramo-nos aqui" e "Metamorfose" que se servem de linguajares singulares para proporcionar uma experiência efêmera, mas multifacetada.



CONTEXTU- ALIZAÇÃO ARTÍSTICA

Não Vais Entrar?

Em 2015, Valter Vinagre inaugurou a exposição fotográfica "Posto de Trabalho", uma coleção de fotografias, cenicamente iluminadas, que revela diferentes e improvisadas estruturas que visam receber recatadamente quem procura a prostituição nas estradas nacionais. Paralelamente, foi a partir dessa mesma seleção fotográfica e das histórias que elas ocultam que o dramaturgo Jaime Rocha escreveu o monólogo "A Culpa Não Foi Minha", em que o autor aparenta sumarizar o projeto de Valter Vinagre ao descrever um encontro entre uma prostituta e um fotógrafo que surge como ouvinte, concedendo à trabalhadora do sexo uma pausa para divagar sobre os mais distintos assuntos, tornando público o que antes pertencia à esfera privada e íntima.

Recentemente, a jovem criadora Mariana Fonseca cruzou-se com estas duas obras e decidiu desafiar Valter Vinagre e Jaime Rocha, a par de Sofia Soromenho (bailarina, coreógrafa e docente nas áreas da Dança e da Performance), para, na qualidade de consultores artísticos, integrarem um novo projeto que evoluiria do diálogo que se estabeleceu entre estes trabalhos.

"Não Vais Entrar?" é o nome de família atribuído a três performances irmãs: "IT gender", "Encontramo-nos aqui" e "Metamorfose".

Sublinhando a fragilidade, a efemeridade e a plasticidade que cimentam cada um dos "postos de trabalho" capturados por Vinagre, aliando-as ao permanente processo de construção de noção de identidade de género inerente a qualquer corpo na contemporaneidade, tal como é defendido por Judith Butler, bem como ao rito de rotatividade associado à prostituição, interessou criar um conjunto de objetos artísticos como símbolo de uma experiência transitória.

Por outras palavras, o calendário de sessões reitera a ideia de pluralidade, mutação e transição através de uma estrutura "seriada" que implica a apresentação de um espetáculo diferente por dia.

Assistir à sequência de apresentações deverá surtir uma experiência ímpar de partilhar de cada um dos objetos artísticos isolados ou alternadamente.

It gender

Destacando a transação que está na base da prostituição, o primeiro objeto performático assume-se como uma coreografia que propõe refletir sobre a imagem de um "corpo-máquina", discutindo as ideias avançadas por Descartes, diferindo de um corpo morto apenas porque a disposição e funcionalidade dos órgãos que o compõem estão operacionais, recusando a ideia de que "a alma dá movimento e calor ao corpo".

IT gender é uma partitura física, é pesquisa, é anatomia, é matemática, é biomecânica. Uma soma de movimentos pré-calculados resultantes numa série de linhas de cálculo que se desenham no espaço e se articulam com narrativas e espaços sonoros. IT gender é a pesquisa por um corpo-máquina (=) máquina-orgão programada para atingir o clímax sexual do outro. IT gender é o conteúdo programático que compõe um ciborgue.

Segundo Gisele Gallicchio, no estudo "Performance na Prostituição: Traços na Modernidade", a partir da segunda metade do século XX, a prostituição sofreu uma priorização do critério económico de forma a poder fazer equivaler-se a uma qualquer prestação de serviços. Lembrando um sistema informático, conjunto de fórmulas e cálculos pensados para obter resultados pré-definidos, também o corpo teve de reajustar-se a comportamentos, técnicas, códigos, tempos de execução e preços com a eficácia de imprimir uma linha de montagem de prazer que visa o clímax sexual do outro como objetivo final.

Nesta primeira performance, interessa, então, a procura constante por um metamorfosear de um corpo num "corpo-máquina" capaz de variar entre sofisticação, qualidade, novidade, fetiche e estatuto socioeconómico; um corpo que deverá projetar e refletir sobre um mercado capitalista que se alicerça sob a garantia de um corpo-produto, um corpo-objeto, um corpo totalmente desassociado do psicológico, um corpo vazio de alma, um corpo que, citando Deleuze e Guattari, é entendido como "máquina-órgão".

Toma-se como ponto de partida as noções propostas por estes dois autores de que "isto respira, isto aquece, isto come. Isto caga, isto fode. Mas que asneira ter dito o isto. O que há por toda a parte são máquinas e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões" para desenvolver a seguinte premissa: Quais as sequências físicas, mesmo que matematicamente premeditadas, que permitem desafiar um corpo-pensante a automatizar-se e a entender-se como "isto"?

Encontramo-nos aqui

Focando, de seguida, precisamente, na plasticidade e no caráter cenográfico que cimentam os postos de trabalho captados por Valter Vinagre, o segundo objeto artístico, "Encontramo-nos aqui", deverá assumir-se sob a forma de uma instalação artística, recuperando algumas das convenções artísticas ligadas ao nascimento da performance - uma arte que invade a cidade, vive da atmosfera do local e de uma interpretação hiper-realista.

Encontramo-nos aqui é uma instalação que comemora uma primeira casa, um primeiro teto, um primeiro chão. É uma contemplação do abrigo-mãe. Um convite ao abraço. Um cantar do regaço em vias de extinção. Encontramo-nos aqui é uma celebração do colo no seu sentido figurado.

O mote de desenvolvimento deste objeto prende-se com a verificação de uma necessidade em orquestrar um lar através do respigar de lixo. Segundo Chevalier e Gheerbran, "casa" é sinónimo de refúgio,

de mãe, de proteção e de seio maternal. Valores que contrastam com aqueles que comumente são apontados na prostituição, mas que surgem como motivações para quem procura, pela primeira vez, no recato de um bosque, a companhia de um toque humano.

É importante refletir sobre como é que o mesmo espaço físico pode ser entendido tanto como uma "zona suja" - um espaço de lixo e abandono, como um "refúgio" - um local de conforto próprio para quem procura partilhar carícias? A sensação que Valter Vinagre admite tê-lo acompanhado durante o processo fotográfico - "Todos os sons se tornam importantes e despertam os sentidos. O que provoca muita tensão. (...) Estava quase sempre sozinho. Sentia-me à mercê de qualquer coisa." - deve estar na base desta proposta plástica. Interessa potenciar um lado sensorial que aproxime o espetador do universo da prostituição de estrada e estimule reflexões paralelas aos valores já culturalmente enraizados.

Para a criadora, cujo percurso artístico teve início na Escola Secundária Artística António Arroio, onde se formou em Realização Plástica do Espetáculo, voltar, agora, a explorar plasticamente conceitos como "abrigo", "mãe" ou "regaço" pode significar uma possível reflexão sobre a sua trajetória artística; prova de que o currículo artístico não acontece de forma fragmentada, mas, pelo contrário, de modo somatório, onde o passado se reflete no presente para poder reaparecer no futuro.

O caráter estético das criações de Mariana Fonseca tem sido um dos principais eixos de criação da artista e devem simbolizar uma imagem identitária do seu trabalho.

Metamorfose

A última performance, "Metamorfose", desenvolvida a partir de um manifesto redigido por Mariana Fonseca, à semelhança do monólogo de Jaime Rocha, volta a simular um encontro entre um fotógrafo e uma trabalhadora do sexo, mas, desta vez, propondo-lhe uma voz generalizada capaz de representar qualquer mulher entendida como livre.

Metamorfose solta-sedas amarras do presente e fala-nos de um futuro distante, onde nenhuma Mulher tem de pedir licença para existir. Metamorfose é um manifesto que propõe discutir a condição feminina, o entendimento cultural desse corpo, a consequente negação de direitos e valores e a busca por uma liberdade com contornos autónomos.

Inspirado na estrutura da obra "Hamletmachine", de Muller, também "Metamorfose" sublinha a presença de uma atriz em cena com o propósito de explorar um "alter ego" – da autora e, por sua vez, da atriz – que se recusa a pedir perdão e a desvalorizar a forte condição que significa ser Mulher.

A proposta de um "alter ego" surge precisamente da necessidade da criadora questionar a viabilidade da existência de um ser, em particular feminino, que se caracterize como livre?

Refletir sobre a violência estrutural que se tem vindo a provar como culturalmente inerente a qualquer figura do sexo feminino sumariza a matéria basilar a explorar nesta proposta.

O feminino como sinónimo de uma identidade social menor é um raciocínio que assalta a criadora pelo impacto que tem tido na sua biografia quer pessoal, quer profissional.

Como portadora de um útero que lhe permite escolher vir a contribuir para uma sociedade mais tolerante, a artista pretende reivindicar um lugar de igualdade social.

Admitindo que lhe seria antinatural debruçar-se sobre a condição feminina e o entendimento cultural desse corpo sem ter em consideração as suas próprias vivências como objeto de estudo, a artista, em "Metamorfose", parte de fragmentos biográficos para construir uma ficção maior capaz de personificar um ato político.

Não vais entrar Objetivos

Todos os documentos recolhidos durante um primeiro período de pesquisa – fotografias, vídeos, artigos científicos, entrevistas, testemunhos, livros etc – constituirão a base fulcral de “Não Vais Entrar?”. A forma como esses materiais serão depois manipulados e transformados é que permitirá a subdivisão do projeto nos diferentes objetos que aqui têm vindo a ser descritos, assumindo-se, claramente, que todo o projeto será marcado por um relevante cunho documental, tendo bem presente a afirmação de Carol Martin de que “é no processo de seleção, edição, organização e apresentação que o trabalho criativo do teatro documental é realizado.”

Ao nível da encenação, podemos entender que “Não Vais Entrar?” se aproxima da definição de um “teatro performativo” ao procurar uma assumida hibridez que fundiu diferentes disciplinas artísticas (teatro, dança, música, artes visuais etc.) e levou à criação de distintos objetos (documental, coreográfico, multimédia, performativo, teatral etc.), aceitando o que Lehmann define como “simultaneidade de signos teatrais”, concorrendo em igual medida todos os elementos constituintes do espetáculo, efetivamente, para a sua edificação.

- Refletir sobre os conceitos de feminino, casa, abrigos-mãe, corpos-máquina, corpos-reprodução;
- Promover o debate no espaço público sobre um conjunto de questões polémicas associadas, muito especificamente, à prostituição de estrada, como as condições e direitos laborais, as relações entre clientes e prostitutXs, a legislação, códigos culturais etc. através de workshops pré-espetáculo e conversas pós-espetáculo;
- Público-alvo: jovem-adulto;
- Contribuir para a renovação do tecido artístico português através de uma criação teatral promovida por uma jovem criadora e a consequente solidificação do seu curriculum;
- Procurar a descentralização do acesso à cultura através do estabelecimento de uma rede de contactos e parceiros fora dos grandes centros urbanos;
- Exploração de linguagens artísticas diversas: coreográfica; plástica; documental/biográfica; manifesto.



Notas biográficas

MARIANA FONSECA - Licenciada em Teatro- Atores pela ESTC. Estudou, no contexto do Programa Erasmus, na RESAD, em Madrid e frequentou o 8o Campus Internacional de Teatro, em Itália. Estagiou com a Companhia [Foreign Affairs], em Londres. Como criadora, destaca APATIA, 112 - O Jantar Está Mesmo Quase e a cocriação ISHA - A Mulher Que... Como atriz, relewa o seu trabalho em Corbeux, de Bouchra Ouizguen; É Difícil Para Mim Dançar, de Mário Coelho e O Deus das Moscas, pelo teatromosca.

SOFIA SOROMENHO - Mestre em Performance Artística/Dança pela FMH e licenciada em Dança/Espetáculo pela ESD. Bolseira (BGCT) no INET-md. Colabora com o JL como crítica de Dança. Foi docente na ESTAL de Corpo e Processos de Criação, Treino Técnico do Performer e dirigiu os finalistas em [para]grafo. Trabalhou como intérprete com diferentes coreógrafos independentes e foi intérprete da CIM em Edge. Como coreógrafa destaca 2º Pará-grafo. Colabora com artistas plásticos, como Fiumani, na área da performance.

JAIME ROCHA - Antigo jornalista. Autor de poesia, ficção e teatro. No teatro, destaca O Construtor e Terceiro Andar (Grande Prémio APE de Teatro). Seis Mulheres Sob Escuta, Casa de Pássaros, O Jogo da Salamandra e Homem Branco-Homem Negro (Grande Prémio de Teatro Português SPA/Novo Grupo), Azzedine e Outras Peças, O Mal de Ortov, Agamemnon - A Herança das Sombras e Filoctetes - A Condição do Guerreiro, O Regresso de Ortov e As Troianas, com Hélia Correia.

VALTER VINAGRE - O lugar da cidade, a viagem e a paisagem podem ser motivos da sua fotografia, mas não a determinam. Submetem-se antes a uma reflexão sobre o real, num jogo onde se revelam e ocultam metáforas, retratos e gestos. Destaca-se Carta do Sentir, Para, Olha, Bored In Usa, Posto de trabalho, Sob o Signo da Lua, Da natureza das coisas e Homem morto passou aqui. Prémio Autores 2016 da SPA. Melhor Trabalho de Fotografia com Posto de trabalho. Prémio da 6. Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira.

MANUEL ABRANTES - Em 2011 inicia os seus estudos profissionais na ACE, no Porto, no curso de Luz, Som e Efeitos Cénicos, terminando em 2014. Em 2014 inicia a Licenciatura em Teatro- ramo Produção, na ESTC, terminando em 2017. Estagiou no Departamento de Iluminação da RTP-Lisboa. Trabalha como técnico de luz freelancer em várias instituições, companhias e espetáculos. E Desenhador de Luz freelancer em vários projetos profissionais. É um dos fundadores da banda BAIRRO NOVO, da qual é Baterista.

FILIPE BAPTISTA - Performer e músico. Durante a sua formação em dança contemporânea e performance destaca o trabalho com David Zambrano, Vera Mantero, Peter Michael Dietz, Jos Baker, Luke Jessop, Jonathan Burrows, Gonçalo Lobato, Magalle Lanriot e Chisato Minamimura. Como performer, salienta A Lã e a Neve, de Madalena Victorino; Overdrama, pelo Jorge Andrade; Suspiria, de Pedro Baptista e Between a Rock and a Hard Place, da sua autoria. Como músico, destaca o seu trabalho em Fuck Me Gently, de Mário Coelho.

JOANA BRITO SILVA - Licenciada em Teatro - Atores pela ESTC. Estudou, em Erasmus, na DAMU, em Praga. Frequentou a RCSSD, em Londres. Como produtora, estagiou com [Foreign Affairs] e Elenco Produções. Exerce como intérprete, criadora e produtora. Destaca o seu trabalho com Teatro Praga, Diyan Zora, Alex Cassal, Raquel André e os projetos ISHÁ - A Mulher Que... e APATIA. Mestre em Applied Theatre na Goldsmiths, com uma bolsa da F.C. Gulbenkian.

RICARDO REIS - Realizador e cinematógrafo. Estudou cinema na Escola Artística António Arroio e na Escola Superior de Comunicação Social. Dedicou-se à conceção, realização, cinematografia e produção de videoclips, curtas metragens, documentários, espetáculos e séries audiovisuais. Colabora com diversas produtoras e associações culturais (teatromosca, Valdevinos, QuorumBallet etc.), dedicando-se a projetos que promovam a criação artística, o diálogo comunitário, a procura da sabedoria e a partilha das artes.

Previsão de meios técnicos

As 3 performances deste projeto têm diferentes tempos de duração e a lotação é variável. O desenho de luz e som ainda não se encontra definido, mas irá necessitar de acesso a corrente elétrica para iluminação e som.

Ficha técnica

Texto, criação e interpretação | Mariana Fonseca
Apoio à criação, direção de movimento | Sofia Soromenho
Consultoria artística | Jaime Rocha e Valter Vinagre
Desenho de luz | Manuel Abrantes
Espaço Cénico | Mariana Fonseca
Música Original | Filipe Baptista
Fotografia | Valter Vinagre
Produção executiva | Mariana Fonseca e Joana Brito Silva
Vídeo | Ricardo Reis

Trabalhos anteriores

APATIA

<https://vimeo.com/466636943/6d3bbf52b5>

ISHÁ – A MULHER QUE

<https://www.youtube.com/watch?v=jlBCRF1hFpl&feature>

Contactos

mariana_f_fonseca@hotmail.com / 925730211

